

Aula 11

*TJ-PR (Técnico Judiciário) Passo
Estratégico de Língua Portuguesa - 2025
(Pós-Edital)*

Autor:

Carlos Roberto Correa

02 de Julho de 2025

1 - Apresentação	2
2 - Análise Estatística	3
3 - Linguagem	4
<i>Tipos de Linguagem</i>	<i>4</i>
4 - Língua.....	5
5 - Língua Falada e Língua Escrita	6
6 - Fala	7
<i>Níveis de fala.....</i>	<i>7</i>
<i>O conceito de erro em língua</i>	<i>7</i>
<i>Momentos do discurso</i>	<i>8</i>
7 - A gíria.....	10
<i>O Preconceito linguístico</i>	<i>10</i>
8 - Tipos de variação linguística.....	11
<i>Variedade culta padrão (VCP)</i>	<i>15</i>
<i>Variedade popular</i>	<i>16</i>
9 - Aposta Estratégica	19
10 - Revisão Estratégica	19
<i>10.1 - Perguntas.....</i>	<i>19</i>
<i>10.2 - Perguntas com respostas</i>	<i>20</i>
11 – Questões Estratégicas	22
12 – Lista de questões comentadas	27
13 - Gabarito	34



1 - APRESENTAÇÃO

Olá, servidores!

Sejam muito bem-vindos a mais uma etapa fundamental na construção do conhecimento que os conduzirá à tão sonhada aprovação. Na aula de hoje, daremos mais um grande **PASSO** — firme e consciente — em direção ao domínio de conteúdos que são presença constante em provas de concursos públicos.

O tema que abordaremos é **variação linguística e níveis de linguagem**, tópicos que não apenas aparecem com frequência em questões de Língua Portuguesa, como também são essenciais para a compreensão crítica do funcionamento da linguagem em diferentes contextos sociais, históricos e culturais.

Nossa proposta é mostrar como a língua se adapta, transforma-se e revela aspectos identitários dos falantes. Entenderemos, por exemplo, por que determinadas formas linguísticas são mais valorizadas em contextos formais, enquanto outras predominam no cotidiano ou em manifestações culturais específicas. Além disso, discutiremos os diferentes níveis de linguagem (coloquial, formal, técnico, literário), suas aplicações e implicações em textos diversos.

Esse conhecimento vai muito além da simples memorização de regras: trata-se de compreender a **dinamicidade da língua portuguesa**, sua pluralidade e, sobretudo, sua adequação ao uso. O domínio desse conteúdo é um diferencial para quem deseja alcançar desempenho de excelência nas provas discursivas e objetivas.

Desejo-lhes uma excelente aula, repleta de aprendizado e reflexões produtivas.

Bons estudos!

@prof.carlos.roberto

#amoraovernáculo

*“A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal”.
(Machado de Assis)*



2 - ANÁLISE ESTATÍSTICA

Com o intuito de fazer um estudo direcionado, de acordo com as especificidades da banca, fizemos um ranking com os percentuais de incidência segregados por assunto e subassunto, baseando-nos nos seguintes critérios:

Análise Estatística – Língua Portuguesa

- **Banca examinadora:** Instituto AOCP
- **Período de análise:** 2020 a 2025
- **Área:** Judiciária e Ministério Público dos Estados (MPE/MPSC/MPRJ etc.)
- **Escolaridade:** Nível Médio e Superior
- **Quantidade de questões analisadas:** 130

Isso nos permite visualizar os assuntos “preferidos” da banca examinadora.

Língua Portuguesa - % de cobrança em provas anteriores (Instituto AOCP)	
Interpretação de textos; reescrita de frases	23,1%
Concordância verbal; concordância nominal; vozes verbais	13,1%
Tempos e modos verbais	11,5%
Regência verbal; regência nominal; semântica	10,8%
Ortografia; acentuação gráfica; crase	9,2%
Classes de Palavras; formação e estrutura das palavras	7,7%
Relação de coordenação e subordinação das orações; pontuação	7,7%
Termos da oração; partícula "se"; vocábulo "que"; vocábulo "como"	6,9%
Colocação pronominal; função sintática dos pronomes átonos e relativos	5,4%
Linguagem; tipologia textual; fonética	4,6%
TOTAL	100,00%

Essa tabela mostra a ordem decrescente de incidência dos assuntos, ou seja, quanto maior o percentual de cobrança de um dado assunto, maior sua importância.

O assunto **variação linguística** possui um grau de incidência **muito baixo** nas questões colhidas, sem valor percentual.



3 - LINGUAGEM

Linguagem é a capacidade que possuímos de expressar nossos pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos. A Linguagem está relacionada a fenômenos comunicativos; se há comunicação, há linguagem. Podemos usar inúmeros tipos de linguagens para estabelecermos atos de comunicação, tais como: sinais, símbolos, sons, gestos e regras com sinais convencionais (linguagem escrita e linguagem mímica, por exemplo). Num sentido mais genérico, a Linguagem pode ser classificada como qualquer sistema de sinais de que se valem os indivíduos para comunicar-se.

TIPOS DE LINGUAGEM

A linguagem pode ser:

Verbal: a Linguagem Verbal é a forma de comunicação feita a partir do uso da fala ou da escrita



As figuras acima nos comunicam sua mensagem através da linguagem verbal (são usadas palavras para transmitir a informação).

Linguagem Não Verbal: é aquela em que se utiliza outros métodos de comunicação, que não são as palavras. Dentre elas estão a linguagem de sinais, as placas e sinais de trânsito, a linguagem corporal, uma figura, a expressão facial, um gesto etc.



4 - LÍNGUA

A Língua é um instrumento de comunicação. Ela é composta por regras gramaticais que possibilitam que determinado grupo de falantes consiga produzir enunciados que lhes permitam comunicar-se e compreender-se.

A língua possui um caráter social: pertence a todo um conjunto de pessoas, as quais podem agir sobre ela. Cada membro da comunidade pode optar por esta ou aquela forma de expressão. Dessa forma, cada indivíduo pode usar de maneira particular a língua comunitária, originando a fala. Por outro lado, não é possível criar uma língua particular e exigir que outros falantes a compreendam.



É diferente, mas igual!

Observe que um indivíduo pode pronunciar um enunciado da seguinte maneira:

A família de Regina era paupérrima

Outro, no entanto, pode optar por:

A família de Regina era muito pobre



As diferenças e semelhanças constatadas devem-se às diversas manifestações da fala de cada um. No entanto, que essas manifestações de fala devem obedecer às regras gerais da língua portuguesa, para não correr o risco de produzir enunciados incompreensíveis como:

Família a paupérrima de era Regina.

Portanto é diferente, pois cada indivíduo pode falar de determinada maneira, mas é igual porque todos precisam falar a mesma língua para que a comunicação seja eficaz.

5 - LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Não devemos confundir língua com escrita, pois são dois meios de comunicação distintos. A escrita representa um estágio posterior de uma língua. A língua falada é mais espontânea, abrange a comunicação linguística em toda sua totalidade, já que pode ser permeada por expressões faciais, gestos, alterações no tom de voz etc. A língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido, uma vez que não conta com o jogo fisionômico, as mímicas e o tom de voz do falante.

No Brasil, por exemplo, todos falam a língua portuguesa, mas existem usos diferentes da língua devido a diversos fatores. Dentre eles, destacam-se:

Fatores regionais: é possível notar a diferença do português falado por um indivíduo proveniente da região nordeste para outro da região sudeste do Brasil. Dentro de uma mesma região, também há variações no uso da língua. No estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por um cidadão que vive na capital e aquela utilizada por um cidadão do interior do estado.

Fatores culturais: o grau de escolarização e a formação cultural de um indivíduo também são fatores que colaboram para essa diferença nos usos da língua. Uma pessoa escolarizada utiliza a língua de uma maneira diferente da utilização feita por uma pessoa que não teve acesso à educação escolar.

Fatores contextuais: nosso modo de falar varia de acordo com a situação em que nos encontramos. Quando conversamos com nossos amigos, não usamos os termos que usaríamos se estivéssemos discursando em uma solenidade de formatura. Concordam?

Fatores profissionais: o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas. Cheias de termos específicos, essas formas têm uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, químicos, profissionais da área de direito e da informática, biólogos, médicos e linguistas por exemplo.



Fatores naturais: o uso da língua pelos falantes sofre influência de fatores naturais, como idade e sexo. Uma criança não utiliza a língua da mesma maneira que um adulto, daí falar-se em linguagem infantil e linguagem adulta.

6 - FALA

É a utilização oral da língua pelo indivíduo. É um ato individual, pois cada indivíduo, para a manifestação da fala, pode escolher os elementos da língua que lhe convém, conforme seu gosto e sua necessidade, de acordo com a situação, o contexto, sua personalidade, o ambiente sociocultural em que vive etc. Desse modo, dentro da unidade da língua, há uma grande diversificação nos mais variados níveis de fala. Cada indivíduo, além de conhecer o que fala, conhece também o que os outros falam; é por isso que somos capazes de dialogar com pessoas dos mais variados graus de cultura, embora nem sempre a linguagem delas seja exatamente como a nossa.

A fala está sempre condicionada pelas regras socialmente estabelecidas da língua, mas é suficientemente ampla para permitir um exercício criativo da comunicação.

NÍVEIS DE FALA

Baseando-nos no caráter individual da fala, é possível observarmos alguns níveis:

Nível coloquial-popular: é a fala que a maioria das pessoas utiliza no seu dia a dia, principalmente em situações informais. Esse nível da fala é mais espontâneo. Ao utilizá-lo, não nos preocupamos em saber se falamos de acordo ou não com as regras formais estabelecidas pela língua.

Nível formal-culto: é o nível da fala normalmente utilizado pelas pessoas em situações formais. Caracteriza-se por um cuidado maior com o vocabulário e pela obediência às regras gramaticais estabelecidas pela língua.

O CONCEITO DE ERRO EM LÍNGUA

Em rigor, ninguém comete erro em língua, exceto nos casos de ortografia. O que normalmente se comete são transgressões da norma culta. Então, num momento íntimo do discurso, se alguém diz: “Ninguém deixou ele falar”, não comete propriamente erro; apenas transgredir a norma culta.

Mas um repórter, ao cometer uma transgressão em sua fala, transgredir tanto quanto um indivíduo que comparece a um banquete trajando bermuda, tênis e camiseta ou quanto um alguém que, numa praia, apareça vestido de fraque e cartola.



É interessante, então, considerarmos o **momento do discurso**, que pode ser íntimo, neutro ou solene. Vamos a eles!

MOMENTOS DO DISCURSO

Momento íntimo é o das liberdades da fala. Em casa, na conversa entre amigos, parentes, namorados etc., são consideradas perfeitamente normais construções do tipo:

Eu não vi ela hoje.

Ninguém deixou ele falar.

Deixe eu ver isso!

Eu te amo, sim, mas não abuse!

Não assisti o filme nem vou assistir.

Sou teu pai, por isso vou perdoá-lo.

Nesse momento, a informalidade prevalece sobre a norma culta, deixando mais livres os interlocutores (emissor e receptor).

Momento neutro é o do uso da língua-padrão, que é a língua da Nação. Como forma de respeito, tomam-se por base aqui as normas estabelecidas na gramática, ou seja, a norma culta. Assim, aquelas mesmas construções são alteradas para:

Eu não a vi hoje.

Ninguém o deixou falar.

Deixe-me ver isso!

Eu te amo, sim, mas não abuses!

Não assisti ao filme nem vou assistir a ele.

Sou seu pai, por isso vou perdoar-lhe.

O momento neutro é o utilizado nos veículos de comunicação de massa (rádio, televisão, jornal, revista etc.). Daí o fato de não se admitirem deslizes ou transgressões da norma culta na escrita ou na fala de jornalistas, que, no exercício do trabalho, devem refletir serviço à causa do ensino.

Momento solene é acessível a poucos, é o da arte poética, caracterizado por construções de rara beleza.





Vale lembrar que a **língua é um costume**. Como tal, qualquer transgressão, ou chamado erro, deixa de sê-lo no exato instante em que a maioria absoluta o comete, passando, assim, a constituir fato linguístico, registro de linguagem definitivamente consagrado pelo uso, ainda que não tenha amparo gramatical.

Alguns exemplos:

Olha eu aqui! (Substituiu: Olha-me aqui!)

Vamos nos reunir. (Substituiu: Vamo-nos reunir.)

Não vamos nos dispersar. (Substituiu: Não nos vamos dispersar e Não vamos dispersar-nos.)

Tenho que sair daqui depressinha. (Substituiu: Tenho de sair daqui bem depressa.)

O soldado está a postos. (Substituiu: O soldado está no seu posto.)

Têxtil, que significa rigorosamente que se pode tecer, em virtude do seu significado, não poderia ser adjetivo associado a indústria, já que não existe indústria que se pode tecer. Hoje, porém, temos não só a indústria têxtil como também o operário têxtil, em vez da indústria de fibra têxtil e do operário da indústria de fibra têxtil.

As formas *impeço*, *despeço* e *desimpeço*, dos verbos impedir, despedir e desimpedir, respectivamente, são exemplos também de transgressões ou “erros” que se tornaram fatos linguísticos, já que só ocorrem hoje porque a maioria viu tais verbos como derivados de pedir, que tem, início, na sua conjugação, com peço. Isso bastou para se “aposentarem” as formas então legítimas *impido*, *despido* e *desimpido*, que hoje nenhuma pessoa bem-escolarizada tem coragem de usar.

USO COLOQUIAL/POPULAR	USO CULTO
Pronúncia mais descuidada de certas palavras e expressões: nós, oéis, tá bão, num vô, num qué	Maior cuidado com a pronúncia: nós, vocês, está bom, não vou, não quer.
Não utilização das marcas de concordância. Ex.: Os menino vai bem.	Utilização das marcas de concordância entre verbo e sujeito. Ex.: Os meninos vão bem.
Uso constante de a gente no lugar de nós.	Uso regular da forma nós.



Mistura de pessoas gramaticais.

Ex.: Você sabe que te enganam.

Uniformidade no uso das pessoas gramaticais.

Ex.: Você sabe que o enganam. Tu sabes que te enganam.

7 - A GÍRIA

Ao contrário do que muitos pensam, a gíria não constitui um flagelo da linguagem. Quem, um dia, já não usou alguma das expressões bacana, maneiro, cara chato, um chega pra lá, mano? O mal maior da gíria está no seu uso como forma permanente de comunicação, desencadeando um processo não só de esquecimento, como de desprezo do vocabulário oficial. Usada no momento certo, porém, a gíria é um elemento de linguagem que denota expressividade e revela grande criatividade, desde que, naturalmente, adequada à mensagem, ao meio e ao receptor.

Note, porém, que estamos falando em gíria, e não em calão, que é a linguagem caracterizada pelo uso de termos ou expressões obscenas ou grosseiras.

Ainda que criativa e expressiva, a gíria só é admitida na língua falada. A língua escrita não a tolera, salvo se for na reprodução da fala de determinado meio ou época, com a visível intenção de documentar o fato, ou no contexto coloquial, na comunicação entre amigos, familiares, namorados etc., caracterizado pela linguagem informal.

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Chamamos de **preconceito linguístico** a discriminação que resulta da realização de comparativos indevidos entre um modelo idealizado da **língua falada** com a maneira como as pessoas realmente se comunicam. Há um “padrão” que foi instituído do falar, quando um grupo foge ao padrão, sofre preconceito. Temos como exemplo quando se compara a **forma de falar de diferentes regiões dentro de um mesmo país**.

Esse tipo de preconceito está ligado, também, à **classe social ocupada pelos falantes**. Ou seja, pessoas de poder aquisitivo mais elevado, podendo estudar mais e com melhores condições, tendem a exercer preconceito contra o modo de falar daqueles mais humildes.

Outra forma muito comum de preconceito linguístico, porém menos difundida, ocorre entre países falantes da mesma língua, como Brasil e Portugal e Estados Unidos e Inglaterra. Não é raro ouvirmos que o inglês “de verdade” é o da Inglaterra. Há um forte preconceito nisso, valoriza-se o inglês britânico em detrimento do americano. As variações das línguas são incompreendidas por algumas pessoas, o que leva a atitudes preconceituosas.



Segundo Marcus Bagno¹, a discriminação com base no modo de falar dos indivíduos é encarada com muita naturalidade na sociedade brasileira. Os “erros” de português cometidos por analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos são criticados pela elite, que “disputa” quem sabe mais a nossa língua. Segundo o pesquisador, o conhecimento da gramática normativa tem sido usado como um instrumento de distinção e de dominação pela população culta. “É que, de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil”, afirma. “Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas”, defende.

O preconceito na língua faz com que os indivíduos se sintam humilhados ou intimidados com a possibilidade de cometer um erro de português. “Como se o fato de saber a regência ‘correta’ do verbo implicar gerasse algum tipo de vantagem, de superioridade, de senha secreta para o ingresso num círculo de privilegiados”, afirma o Bagno. Mas ele assegura que esse tal erro, que tanto aterroriza, na realidade, não existe. Na sua opinião, o que há são variedades do português, como aquele falado no interior pelo caipira ou aquele falado por alguém que estudou e mora na capital. O que mais importa para Bagno é o contexto de quem diz o quê, a quem, como e visando que efeito.

E na sala de aula? Isso não significa que a norma culta deva ser desprezada nas escolas. Muito pelo contrário. Bagno acredita que esta deve ser a base do que é ensinado na cadeira de língua portuguesa. Mas é preciso entender essa norma como sendo a falada e escrita atualmente pela população culta do país e não aquela que só existe na gramática, mas ninguém usa.

Vejamos agora os tipos de variações para entendermos a raiz do preconceito.

8 - TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA



¹ Marcos Bagno é graduado em Letras, com doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB)

A língua não é uma (com N mesmo), ou seja, não é indivisível; ela pode ser considerada um conjunto de dialetos. Já ouvi dizer que em país algum se fala uma língua só. Isso é uma verdade. Há várias línguas dentro da língua oficial de um país. E, no Brasil, não é diferente. Cada região, cada grupo sociocultural tem seu falar. Pode-se até afirmar que cada cidadão tem o seu. A essa característica da Língua damos o nome de variação linguística.

Qualquer cidadão, quando resolve emitir algumas palavras, faz isso não isoladamente. As frases ditas por cada um de nós não são construídas por nós próprios, mas sim por tudo o que nos fez tornar o que somos hoje: nossa família, a terra em que nascemos e/ou em que vivemos, as escolas em que estudamos (principalmente nas séries iniciais), as pessoas com as quais convivemos, os livros que lemos, os filmes a que assistimos, enfim, nossa maneira de falar é formada, não é criada. E é formada pouco a pouco. Aliás, nunca é totalmente acabada. Imagine o que acontece com um idoso que nunca aprendeu a ler nem a escrever ou como uma criança, quando ele ou ela entra em contato com as letras, seu mundo se transforma. Eles se apoderam de um conhecimento nunca antes imaginado. Passam a usar expressões desconhecidas até então e, no caso do idoso, ele se torna um cidadão de fato.

O mesmo acontece com os indivíduos que aprenderam a ler e a escrever, mas que não leem nem escrevem quase nunca. Se passarem a entrar em contato com o mundo das letras, por meio da leitura de romances, contos, textos filosóficos ou poesias, por exemplo, transformarão sua visão de mundo e passarão a ter um novo falar, uma vez que terão o que falar: aquilo que leram.

- Ôpa... Essa é minha deixa!!!

- Aqueles que ainda não o fazem precisam começar JÁ a assumir o hábito da leitura!

A variação linguística mais evidente é a que corresponde ao lugar em que o cidadão nasceu ou no qual vive há bastante tempo. Há jeitos de pronunciar as palavras, há melodias frasais diferentes de região para região. A variação mais famosa do Brasil é o “s” chiante do carioca da gema.



ESCLARECENDO!

pronuncia o “s”.

Um adendo: o adjetivo “chiente” não é depreciativo ao modo de falar do carioca, e sim um termo usado na fonologia – ou fonética – que representa um som cujo ponto de articulação é pré-palatal, como ocorre nas palavras chá e já. É assim que o carioca

pronuncia o “s”.
E a locução “da gema”? Você sabe o significado dela? É o mesmo que sem mistura, genuíno, puro. Carioca da gema, portanto, é o cidadão nascido na cidade do Rio de Janeiro; não aquele que se mudou para lá e lá vive há muitos anos.

Voltando à variação linguística: a mais famosa é o “s” chiante do carioca. É a mais famosa, mas não é a única.

Outra bastante perceptível pelo visitante é o “r” retroflexo do londrinense quando pronuncia palavras como “porta, carne, certo” e do piracicabano quando pronuncia as mesmas palavras do londrinense e também as que têm “r” entre vogais: “cara, cera, tora”. Retroflexo significa “curvado



para trás, flexionado para trás”. É o que acontece com a língua quando ocorre a pronúncia dessas palavras: a ponta dela é flexionada para trás, às vezes até exageradamente.

Também o “l” (ele), na região de Pato Branco - PR, que é alveolar, mesmo antes de consoante e no final da palavra. Alveolar é o nome dado à consoante que, quando pronunciada, é articulada com a ponta da língua próxima ou em contato com os alvéolos dos dentes incisivos superiores. Na região de Pato Branco, pronuncia-se o “ele” de “alto” da mesma forma que o “ele” de “alô”.

A essa variação, que corresponde ao lugar, dá-se o nome de variação diatópica ou geográfica.

A palavra “diatópica” é formada pelos seguintes elementos:

“dia-“, prefixo grego que significa “através de, por meio de, por causa de”;

“topos”, radical grego que significa “lugar”;

“-ico”, sufixo grego, que forma adjetivos.

A variação diatópica pode ocorrer, como vimos, com sons diferentes. Quando isso acontecer, dizemos que ocorreu uma variação diatópica fonética, já que fonética significa “aquilo que diz respeito aos sons da fala.

A diferença, porém, pode não ser de som, mas sim de vocabulário, ou seja, de palavras diferentes em sua estrutura. Por exemplo, em Curitiba - PR, os jovens chamam de “penal” o estojo escolar para guardar canetas e lápis; no Nordeste, é comum usarem a palavra “cheiro” para representar um carinho feito em alguém; o que em outras regiões se chamaria de “beijinho”. Macaxeira, no Norte e no Nordeste, é a mandioca ou o aipim da região sudeste. Essa variação denominamos de variação diatópica lexical, já que lexical significa “relativo a vocabulário”.

A diferença pode não ser de som nem de vocabulário. Pode estar na estrutura frasal, ou seja, na frase toda. Em algumas regiões brasileiras é comum a utilização do pronome “tu”. No Maranhão, no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul, um cidadão diria o seguinte: “Tu já estudaste Química?”. Na maioria dos outros estados, o cidadão diria assim: “Você já estudou Química”? A essa variação chamamos de variação diatópica sintática, já que “sintático” significa “parte da gramática que estuda as palavras enquanto elementos de uma frase”.



RESUMINDO

Variação geográfica ou diatópica

Trata das diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática entre regiões. As diferenças linguísticas entre as regiões são graduais, nem sempre coincidindo com



as fronteiras geográficas, ou seja, pessoas que moram em outras regiões têm formas diferentes de falar e cada região tem seu devido sotaque.

Outra variação bastante evidente também é a que corresponde à **camada social** da qual o indivíduo faz parte. O falar de um cidadão é subordinado ao nível socioeconômico e cultural dele. Quanto mais estudo tiver, mais bem trabalhadas serão suas frases. Quanto mais livros ler, mais cultura terá. Quanto mais exemplos tiver de seus pais e professores, mais facilmente se comunicará com os demais.

Essa variação, no Brasil, é facilmente identificada. Basta conversar com um cidadão humilde, com poucos anos de estudos, que já se perceberá uma linguagem diferente da habitual de outras classes sociais. Frases como “Naonde a gente podemos ponhar esse troço aqui?” ou como “Houveram menas percas” ou ainda “Estou meia cansada” não são ouvidas em um ambiente em que estejam pessoas com um grau de escolaridade maior. São frases comuns a quem não teve oportunidades para ascender a estratos sociais mais privilegiados.



A essa variação, que corresponde ao estrato social, à camada social e cultural do indivíduo, dá-se o nome de **variação diastrática ou sociocultural**.

A palavra “diatrástica” é formada pelos seguintes elementos:

“dia-”, prefixo grego que significa “através de, por meio de, por causa de”;

“estrato”, radical latino que significa “camada”;

“-ico”, sufixo grego, que forma adjetivos.



A **variação diastrática**, como também ocorre com a diatópica, pode ser fonética, lexical e sintática, dependendo do que seja modificado pelo falar do indivíduo: falar “adevogado”, “pineu”, “bicicreta”, é variação diastrática fonética. Usar “presunto” no lugar de “corpo de pessoa assassinada” é variação diastrática lexical. E falar “Houveram menas percas” no lugar de “Houve menos perdas” é variação diastrática sintática.

Variação diastrática ou sociocultural



Agrupar alguns fatores de diversidade: o nível socioeconômico, determinado pelo meio social onde vive um indivíduo; o grau de educação; a idade e o gênero. A variação social não compromete a compreensão entre indivíduos, como poderia acontecer na variação regional; o uso de certas variantes pode indicar qual o nível socioeconômico de uma pessoa, e há a possibilidade de alguém oriundo de um grupo menos favorecido atingir o padrão de maior prestígio.

Arelados à variedade sociocultural estão os conceitos de variedade culta padrão e variedade popular.

VARIEDADE CULTA PADRÃO (VCP)

É uma variedade linguística que se impõe na comunidade através de um ou mais grupos socialmente dominantes e tende à preservação da unidade em seu uso, dados os processos de codificação, em especial o código escrito, e de normalização por que passa. É o registro usado em situações de maior formalidade, como aulas, conferências, palestras (no uso oral), e como correspondência oficial, noticiário jornalístico, redação acadêmica (no uso escrito). Por ter a escola como uma das agências que a implementam, a VCP encontra-se legalmente institucionalizada e associada aos interesses do grupo ou grupos sociais dominantes. Entretanto, de caráter suprarregional e refletindo um índice de cultura e prestígio, a VCP serve a qualquer grupo social que a tome por variedade veicular em todos os contatos formais.

Está claro então que a variedade padrão de qualquer língua, longe de possuir qualquer valor linguístico que a faça mais prestigiada do que as demais variedades, tem seu predomínio condicionado a fatores históricos e culturais que lhe renderam atributos ao longo de um processo institucional, determinado à sua imposição e legitimação.

Características da variedade culta padrão:

A VCP é caracterizada pela disciplina gramatical, o que resulta em significados mais delimitados, e maior incidência de termos técnicos. A variedade padrão ainda apresenta:

a) organização gramatical (sintática) regulando os enunciados.



- b) uso frequente de preposições que indicam relações lógicas, como também as preposições indicando contextos espaciais e temporais.
- c) seleção discriminada de adjetivos e advérbios.
- d) ausência, quanto ao padrão escrito, de expressões idiomáticas, gírias e termos chulos.

VARIEDADE POPULAR

A variedade popular se caracteriza pelo relaxamento da disciplina gramatical, por um vocabulário restrito e usado amplamente nos mais variados sentidos. Contudo, cabe assinalar que a variedade popular, com farta utilização de expressões idiomáticas, é rica em metáforas e várias outras formas de colorir a expressão linguística, como a comparação, a ênfase, a atenuação e o eufemismo, muito frequentes em fórmulas de saudação e polidez, também expressões fáticas, insultos e provérbios.

Conceitos:

Expressão idiomática é aquela expressão ou frase que assume significado diferente do que as palavras que a compõem teriam isoladamente. Elas retratam traços culturais de uma determinada região ou país.

Exemplos:

acabar em pizza / acertar na mosca / agarrar com unhas e dentes / engolir sapo / cara de pau / com uma mão na frente e outra atrás



Provérbios ou ditos populares são expressões de formato curto, simples e direto que transmitem conhecimentos comuns sobre a vida, mas ligados a aspectos universais da vida.

Exemplos:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

Quando um não quer dois não brigam.

Características da variedade popular:



- a) sentenças curtas, gramaticalmente simples, muitas vezes incompletas, apresentando construção sintática deficiente e acentuado emprego da voz ativa.
- b) expressões formuladas como perguntas implícitas, que introduzem certa circularidade na fala (exemplo: “Não é mesmo?”, “Está vendo?” etc.).
- c) falta de uso, em muitas ocorrências de fala, das concordâncias nominal e verbal, estabelecidas pela gramática normativa.

A última variação, não menos importante que as anteriores, é a que corresponde à licença que cada um de nós tem para falar e escrever o que bem entender da maneira que quiser.

É a que permite um cidadão extremamente culto usar informalmente a expressão “Eu encontrei ele” no lugar de “Eu o encontrei”. É a linguagem informal, solta, às vezes até desleixada.

Principalmente o jovem tem o hábito de usar essa variação. É bastante comum ouvirmos um “véio”, com o ‘e’ aberto, numa conversa entre adolescentes ou um “mano” na alta sociedade. É comum também essa variação na linguagem caseira, em que pai, mãe e filhos não estão preocupados com a comunicação dentro da norma padrão, ou na linguagem descontraída de uma roda de amigos.

Outra modalidade desta variação ocorre na Literatura, na qual o autor de poesias, contos, romances, novelas etc. tem a liberdade de cometer deslizos, de inventar palavras, de recriar estruturas sintáticas, enfim, tem liberdade para aplicar seu estilo em seus escritos. Isso tem até nome, chama-se licença poética ou liberdade poética.

Licença poética, segundo o dicionário Houaiss, é uma expressão que pode ser definida como a “liberdade de o escritor utilizar construções, prosódias, ortografias, sintaxes não conformes às regras, ao uso habitual, para atingir seus objetivos de expressão”. O que significa dizer que o artista, ao utilizá-la, tem certa liberdade de expressar toda a sua criatividade, sem se prender às normas gramaticais ou métricas. No trecho da música do compositor Arnaldo Antunes, verificamos um exemplo dessa apropriação:

*Seja eu!
Seja eu!
Deixa que eu seja eu
E aceita
O que seja seu
Então deita e aceita eu...

Molha eu!
Seca eu!
Deixa que eu seja o céu
E receba*



*O que seja seu
Anoiteça e amanheça eu...
Beija eu!
Beija eu!
Beija eu, me beija
Deixa
O que seja ser...*

A essa variação, que corresponde à liberdade de expressão, dá-se o nome de variação diafásica ou estilística.

Essa palavra - diafásica - é formada pelos seguintes elementos:

“dia-”, prefixo grego que significa “através de, por meio de, por causa de”;

“phasys”, radical grego que significa “expressão”;

“-ico”, sufixo grego, que forma adjetivos.

A **variação diafásica**, como ocorreu com a diatópica e com a diastrática, pode ser também fonética, lexical e sintática, dependendo da liberdade de que o indivíduo tenha se apossado. Dizer “véio”, não porque more em determinado lugar nem porque todos de sua camada social dizem, é usar a variação diafásica fonética. Um padre, em um momento de descontração, brincando com alguém, dizer “presunto” para representar o “corpo de pessoa assassinada”, é usar a variação diafásica lexical. E, finalmente, um advogado dizer “Encontrei ele”, também num momento de descontração, no lugar de “Encontrei-o” é usar a variação diafásica sintática.



RESUMINDO

Variação estilística ou diafásica

Considera um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias de comunicação: se está em um ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores.

Sem levar em conta as graduações intermediárias, é possível identificar dois limites extremos de estilo: o informal, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o formal, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo. Não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação.



As diferentes modalidades de variação linguística não existem isoladamente, há um inter-relacionamento entre elas: uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social, considerando-se a migração entre regiões do país. Observa-se que o meio rural, por ser menos influenciado pelas mudanças da sociedade, preserva variantes antigas. O conhecimento do padrão de prestígio pode ser fator de mobilidade social para um indivíduo pertencente a uma classe menos favorecida.

Diante de tantas variantes linguísticas, é inevitável perguntar qual delas é a correta. Resposta: não existe a mais correta em termos absolutos, mas sim, a mais adequada a cada contexto. Dessa maneira, fala bem aquele que se mostra capaz de escolher a variante adequada a cada situação e consegue o máximo de eficiência na comunicação dentro da variante escolhida.

9 - APOSTA ESTRATÉGICA

No assunto **variação linguística**, a grande aposta é na diferença entre linguagem **formal/padrão culto** e linguagem **coloquial**. O uso específico dessas duas linguagens deve estar de acordo com a situação comunicativa em vários aspectos como quem são os **interlocutores**, em qual **lugar** a comunicação ocorre, qual é o **assunto**.

Então lembre:

Nível coloquial-popular: é a fala que a maioria das pessoas utiliza no seu dia a dia, principalmente em situações informais. Esse nível da fala é mais espontâneo. Ao utilizá-lo, não nos preocupamos em saber se falamos de acordo ou não com as regras formais estabelecidas pela língua.

Nível formal-culto: é o nível da fala normalmente utilizado pelas pessoas em situações formais. Caracteriza-se por um cuidado maior com o vocabulário e pela obediência às regras gramaticais estabelecidas pela língua.

10 - REVISÃO ESTRATÉGICA

10.1 - PERGUNTAS

1. Quais são as diferenças entre língua falada e língua escrita?
2. Quais são os níveis de fala?



3. Quais são as diferenças essenciais dos níveis de fala?
4. Como fica a questão do erro no uso da língua?
5. O que é preconceito linguístico?
6. Quais são os fatores que podem fazer variar a fala?
7. Diferencie momento neutro de momento neutro de momento íntimo.
8. O que é o momento solene?
9. O que diz Marcos Bagno, linguista, sobre o uso de gírias e a discriminação com base no modo de falar do indivíduo?
10. Quais são os tipos de variação linguística?

10.2 - PERGUNTAS COM RESPOSTAS

1. Quais são as diferenças entre língua falada e língua escrita?

A língua falada é mais espontânea, abrange a comunicação linguística em toda sua totalidade, já que pode ser permeada por expressões faciais, gestos, alterações no tom de voz etc. A língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais disciplinado e rígido, uma vez que não conta com o jogo fisionômico, as mímicas e o tom de voz do falante.

2. Quais são os níveis de fala?

Nível coloquial-popular e nível forma-culto.

3. Quais são as diferenças essenciais dos níveis de fala?

a. Nível formal-culto

- Usada em situações formais.
- Maior obediência às regras gramaticais estabelecidas pela língua.

b. Nível coloquial-popular

- Usada em situações informais.
- Não há preocupação em seguir as normas gramaticais.

4. Como fica a questão do erro no uso da língua?

Em rigor, ninguém comete erro em língua, exceto nos casos de ortografia. O que normalmente se comete são transgressões da norma culta.



5. O que é preconceito linguístico?

Chamamos de **preconceito linguístico** a discriminação que resulta da realização de comparativos indevidos entre um modelo idealizado da **língua falada** com a maneira como as pessoas realmente se comunicam. Há um “padrão” que foi instituído do falar, quando um grupo foge ao padrão, sofre preconceito. Temos como exemplo quando se compara a **forma de falar de diferentes regiões dentro de um mesmo país**.

6. Quais são os fatores que podem fazer variar a fala?

Para responder, vou propor um mapa mental simples para que vocês possam visualizar e guardar quais são os fatores de variação:

Variação Linguística

Fatores:

- Região geográfica
- Idade
- Sexo
- Grau de escolaridade
- Classe social

7. Diferencie momento neutro de momento neutro de momento íntimo.

Momento íntimo é o das liberdades da fala. Em casa, na conversa entre amigos, parentes, namorados etc., são consideradas perfeitamente normais construções do tipo. Momento neutro é o do uso da língua-padrão, que é a língua da Nação. Como forma de respeito, tomam-se por base aqui as normas estabelecidas na gramática, ou seja, a norma culta.

8. O que é o momento solene?

Momento solene é acessível a poucos, é o da arte poética, caracterizado por construções de rara beleza. Há o uso da “licença poética” nesse momento.

9. O que diz Marcos Bagno, linguista, sobre o uso de gírias e a discriminação com base no modo de falar do indivíduo?

Segundo Marcus Bagno, A discriminação com base no modo de falar dos indivíduos é encarada com muita naturalidade na sociedade brasileira. Os “erros” de português cometidos por analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos são criticados pela elite, que “disputa” quem sabe mais a nossa língua. Segundo o pesquisador, o conhecimento da gramática normativa tem sido usado como um



instrumento de distinção e de dominação pela população culta. “É que, de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil”, afirma. “Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas”, defende.

10. Quais são os tipos de variação linguística?

Variação diatópica ou geográfica, variação diastrática ou sociocultural e variação diafásica ou estilística.

11 – QUESTÕES ESTRATÉGICAS

Questão 1

1 Diz a lenda que o eloquente Rui Barbosa, ao chegar a
casa, ouviu um barulho estranho vindo de seu quintal. Lá
chegando, constata haver um ladrão tentando levar seus patos
4 de criação. Aproxima-se vagarosamente do indivíduo e,
surpreendendo-o enquanto tentava pular o muro com seus
amados patos, diz-lhe:
7 — Oh, bucéfalo anácrono! Não o interpelo pelo valor
intrínseco dos bípedes palmípedes, mas, sim, por ousares
transpor os umbrais de minha residência e pelo ato vil e
10 sorrateiro de profanares o recôndito da minha habitação,
levando meus ovíparos à sorrelfa e à socapa. Se fazes isso por
necessidade, transijo, mas, se é para zombares da minha
13 elevada prosopopeia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com
minha bengala fosfórica bem no alto da tua sinagoga, e o farei
com tal ímpeto que te reduzirei à quinquagésima potência que
16 o vulgo denomina nada.
E o ladrão, confuso, diz:
— Dotô, eu levo ou deixo os pato?

Internet: <www.jornaldosamigos.com.br> (com adaptações).

Conforme o texto,

- A - a atitude e a fala de Rui Barbosa denotam que ele era uma pessoa esnobe e enigmática.
- B - a linguagem do texto é rebuscada e, portanto, própria para homens letrados e operadores do direito.
- C - a intenção de Rui Barbosa ao proferir seu discurso era repreender o ladrão para evitar zombaria por causa de seus dogmas religiosos.
- D - por ser conhecedor do direito, Rui Barbosa usou um discurso de poder de matiz ideológico para convencer o ladrão.
- E - o ladrão desconhecia a modalidade formal da língua portuguesa.

Questão 2



Ainda sobre o texto da questão anterior

No texto, predomina a linguagem

- A - informal.
- B - coloquial.
- C - popular.
- D - figurada.
- E - formal.

Questão 3

Assinale a alternativa que reproduz um trecho que serve como exemplo de variante linguística popular e regional.

- A. O velho Antônio Batista tinha para obra de setenta janeiros nos couros.
- B. Até de S. Luís do Maranhão vinha gente para ele fazer trabalhos.
- C. Maria Piribido não conhecia pessoalmente o velho Antônio Cabeça-Branca.
- D. Veio ao mundo com aquela sorte, aquele destino, aquele dom.
- E. Com a sorte, o destino e o dom de responsar Santo Antônio e encontrar objetos roubados e perdidos.

Questão 4



Um dos efeitos de humor da charge reside no fato de as personagens entenderem "ROÇONA" e "ROCINHA" como

- (A) palavras sinônimas derivadas de "roça".
- (B) aumentativo e diminutivo de "roça", respectivamente.
- (C) áreas urbanas onde se trabalha pouco.

- (D) áreas rurais cuidadas pelo Exército.
- (E) substantivos próprios relativos a logradouro.

Questão 5

Uma ideia simples

Elio Gaspari, Folha de São Paulo, 27/8/2014

Todos os candidatos prometem crescimento e austeridade. Entre os chavões mais batidos vem sempre a reforma tributária, tema complexo, chato mesmo, acaba sempre em parolagem. Promete-se a simplificação das leis que regulam os tributos, e a cada ano eles ficam mais complicados. Uma coletânea da legislação brasileira pesa seis toneladas. Aqui vai uma contribuição, que foi trazida pelo Instituto Endeavor. Relaciona-se com o regime de cobrança de impostos de pequenas empresas, aquelas que faturam até R\$ 3,6 milhões por ano (R\$ 300 mil por mês). É o Simples – pode-se estimar que ele facilita a vida de algo como 3 milhões de empresas ativas.

Sobre a variedade de linguagem mostrada no texto acima, afirma-se corretamente que ela pertence à linguagem:

- (A) formal, com exemplos de coloquialismo;
- (B) informal, com inserções de gíria;
- (C) regional, com traços de formalidade;
- (D) popular, com falhas gramaticais;
- (E) culta, com marcas de erudição

Questão 6

Entrevista de Carlos Heitor Cony

"Hoje, se os Mamonas Assassinas [banda de pop-rock que estourou em 1995, morta em um acidente de avião 1 ano depois] escreverem um livro sobre a teoria do quanta, não vai faltar editor e não vai faltar leitor. (...) A indústria do livro era muito elitista naquela época, havia um certo elitismo. O livro era considerado um objeto, quase um totem, uma coisa sagrada. Acho o fenômeno do Paulo Coelho muito útil. É um homem que vende milhões de exemplares, faz o editor ganhar dinheiro, e esse editor pode investir em outras coisas."

(Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura).

O trecho da entrevista de Carlos Heitor Cony que exemplifica linguagem coloquial é:

- A. "banda de pop-rock que estourou em 1995".
- B. "escreverem um livro sobre a teoria do quanta".
- C. "A indústria do livro era muito elitista naquela época".
- D. "O livro era considerado um objeto".



E. "Acho o fenômeno do Paulo Coelho muito útil".

Questão 7

Assinale a alternativa que contém exemplo de incoerência vocabular decorrente de uma escolha inadequada para a língua-padrão.

- A. Os aviões da esquadrilha da fumaça fizeram um lindo show de acrobacias.
- B. A população anda um pouco cética quanto aos atuais partidos políticos.
- C. Gostaria que esta minha proposta pudesse suscitar o diálogo com nossos leitores.
- D. Há muito tempo não víamos uma frota de manifestantes na porta de nossa escola.
- E. Queremos que nossa marca seja referência e por isso não fazemos promoções, mas ações perenes.

Questão 8

O estilo coloquial, assumido pelo autor do texto, está melhor evidenciado em:

- A. Cérebros maiores e mais complexos são custosos do ponto de vista energético (l. 3)
- B. Na forma de amido, presentes em tubérculos como nossa boa e velha batata (l. 10)
- C. O órgão consome cerca de 25% de nossas fontes diárias de energia e 60% da glicose (l. 12-13)
- D. A existência de seis genes relacionados à digestão do carboidrato é outro indício (l. 16-17)
- E. Isso tudo possibilitou energia extra para o desenvolvimento fetal, para a lactação (l. 22-23)

Questão 9



A fala do primeiro personagem mostra o emprego de uma variação popular da língua portuguesa falada, o que é demonstrado

- (A) pela utilização de vocábulos raros como “*baita*”.
- (B) pelo emprego do vocativo “*cara*”.
- (C) pela falta de pontuação.
- (D) pela omissão de palavras como em “das duas uma”.
- (E) pela referência a realidades populares como “*mega-sena*”.

Questão 10

TEXTO 2 - Estamos no trânsito de São Paulo, ano 2030. E não é preciso apertar os cintos: nosso carro agora trafega sozinho pelas ruas, salvo de acidentes, graças a um sistema que o mantém em sincronia com os demais veículos lá fora. O volante, item de uso opcional, inclina-se de um lado para outro como se fosse manuseado por um fantasma. Mas ninguém liga pra ele - até porque o carro do futuro está cheio de novidades bem mais legais. Em vez dos tradicionais quatro assentos, o que temos agora é uma verdadeira sala de estar, com poltronas reclináveis, mesa no centro e telas de LED. As velhas carrocerias de aço foram substituídas por redomas translúcidas, com visibilidade total para o ambiente externo. Se você preferir, é possível torná-la opaca e transformar o carro em um ambiente privado, quase como um quarto ambulante. Como o sistema de navegação é autônomo, basta informar ao computador aonde você quer ir e ele faz o resto. Resta passar o tempo da forma que lhe der na telha: lendo, trabalhando, assistindo ao seu seriado preferido ou até dormindo. A viagem é agradável e silenciosa.

(*Superinteressante*, novembro de 2014).

O segmento do texto 2 que mostra variação culta de linguagem, sem traços de informalidade ou oralidade é:

- a) “mantém em sincronia com os demais veículos lá fora”;
- b) “o que temos agora é uma verdadeira sala de estar”;
- c) “Mas ninguém liga pra ele”;
- d) “está cheio de novidades bem mais legais”;
- e) “assistindo ao seu seriado preferido”.



12 – LISTA DE QUESTÕES COMENTADAS

Questão 1

1 Diz a lenda que o eloquente Rui Barbosa, ao chegar a
casa, ouviu um barulho estranho vindo de seu quintal. Lá
chegando, constata haver um ladrão tentando levar seus patos
4 de criação. Aproxima-se vagarosamente do indivíduo e,
surpreendendo-o enquanto tentava pular o muro com seus
amados patos, diz-lhe:
7 — Oh, bucéfalo anácrono! Não o interpelo pelo valor
intrínseco dos bípedes palmípedes, mas, sim, por ousares
transpor os umbrais de minha residência e pelo ato vil e
10 sorrateiro de profanares o recôndito da minha habitação,
levando meus ovíparos à sorrelfa e à socapa. Se fazes isso por
necessidade, transijo, mas, se é para zombares da minha
13 elevada prosopopeia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com
minha bengala fosfórica bem no alto da tua sinagoga, e o farei
com tal ímpeto que te reduzirei à quinquagésima potência que
16 o vulgo denomina nada.
E o ladrão, confuso, diz:
— Dotô, eu levo ou deixo os pato?

Internet: <www.jornaldosamigos.com.br> (com adaptações).

Conforme o texto,

- A - a atitude e a fala de Rui Barbosa denotam que ele era uma pessoa esnobe e enigmática.
- B - a linguagem do texto é rebuscada e, portanto, própria para homens letrados e operadores do direito.
- C - a intenção de Rui Barbosa ao proferir seu discurso era repreender o ladrão para evitar zombaria por causa de seus dogmas religiosos.
- D - por ser conhecedor do direito, Rui Barbosa usou um discurso de poder de matiz ideológico para convencer o ladrão.
- E - o ladrão desconhecia a modalidade formal da língua portuguesa.

Comentário: vamos analisar as alternativas.

- A - ERRADA - a atitude e a fala de Rui Barbosa denotam que ele era uma pessoa esnobe e enigmática. Não podemos dizer que Rui Barbosa era esnobe porque usava uma variação culta e rebuscada da fala.
- B - ERRADA - a linguagem do texto é rebuscada e, portanto, própria para homens letrados e operadores do direito. De fato, os homens letrados costumam ter uma linguagem mais rebuscada, mas nem sempre. Isso também se pode dizer dos operadores de direito.
- C - ERRADA - a intenção de Rui Barbosa ao proferir seu discurso era repreender o ladrão para evitar zombaria por causa de seus dogmas religiosos.
- A intenção de Rui Barbosa certamente era a de evitar o roubo, não de evitar zombaria por causa de seus dogmas religiosos.



D - ERRADA - por ser conhecedor do direito, Rui Barbosa usou um discurso de poder de matiz ideológico para convencer o ladrão.

O que parece é que cada um (Rui e o ladrão) possui um conhecimento e uso da linguagem. Ambos a utilizam da maneira como conhecem. É fato que algumas pessoas utilizam uma linguagem rebuscada para reforçar discurso de poder, mas não parece o caso.

E - CERTA - o ladrão desconhecia a modalidade formal da língua portuguesa.

Trata-se de um texto com características de anedota. Há humor no fato da não comunicação entre Rui e o ladrão por não compartilharem da mesma variação da fala.

GABARITO: E

Questão 2

Ainda sobre o texto da questão anterior

No texto, predomina a linguagem

A - informal.

B - coloquial.

C - popular.

D - figurada.

E - formal.

Comentário: apenas na última frase do texto tem-se linguagem informal, coloquial. A predominância é de formalidade do uso da língua, que quer dizer que são respeitadas as normas gramaticais.

GABARITO: E

Questão 3

Assinale a alternativa que reproduz um trecho que serve como exemplo de variante linguística popular e regional.

A. O velho Antônio Batista tinha para obra de setenta janeiros nos couros.

B. Até de S. Luís do Maranhão vinha gente para ele fazer trabalhos.

C. Maria Piribido não conhecia pessoalmente o velho Antônio Cabeça-Branca.

D. Veio ao mundo com aquela sorte, aquele destino, aquele dom.

E. Com a sorte, o destino e o dom de responsar Santo Antônio e encontrar objetos roubados e perdidos.

Comentário: a alternativa A traz variação popular e regional ao dizer que "O velho Antônio Batista tinha para obra de setenta janeiros nos couros". É de uso popular o costume de substituir a quantidade de "anos" da idade por "janeiros". Nos "couros" indica "na pele", ou seja, no corpo ficando velho.

GABARITO: A



Questão 4



Um dos efeitos de humor da charge reside no fato de as personagens entenderem “ROÇONA” e “ROCINHA” como

- (A) palavras sinônimas derivadas de “roça”.
- (B) aumentativo e diminutivo de “roça”, respectivamente.
- (C) áreas urbanas onde se trabalha pouco.
- (D) áreas rurais cuidadas pelo Exército.
- (E) substantivos próprios relativos a logradouro.

Comentário: o humor está no fato de que os personagens não entenderam que o Exército foi chamado para a favela da Rocinha, não para capinar uma roça pequena! Os personagens usam uma variação da língua que chamamos de “caipira” ou “caipirês”, comum a áreas geográficas mais afastadas, fato que podemos perceber pelo uso de “carpimo” ao invés de “capinamos”.

Pela falta de conhecimento de mundo, os personagens entendem apenas que “rocinha” é diminutivo de roça, não reconhecem o substantivo próprio que nomeia a favela.

Gramaticalmente: Rocinha (roça pequena) e Rocinha (favela) são palavras homônimas perfeitas, são grafadas e pronunciadas da mesma maneira, mas possuem significados completamente diferentes, distinguíveis pelo contexto.

GABARITO: B

Questão 5

Uma ideia simples

Elio Gaspari, Folha de São Paulo, 27/8/2014

Todos os candidatos prometem crescimento e austeridade. Entre os chavões mais batidos vem sempre a reforma tributária, tema complexo, chato mesmo, acaba sempre em parolagem. Promete-se a simplificação das leis que regulam os tributos, e a cada ano eles ficam mais complicados. Uma coletânea da

legislação brasileira pesa seis toneladas. Aqui vai uma contribuição, que foi trazida pelo Instituto Endeavor. Relaciona-se com o regime de cobrança de impostos de pequenas empresas, aquelas que faturam até R\$ 3,6 milhões por ano (R\$ 300 mil por mês). É o Simples – pode-se estimar que ele facilita a vida de algo como 3 milhões de empresas ativas.

Sobre a variedade de linguagem mostrada no texto acima, afirma-se corretamente que ela pertence à linguagem:

- (A) formal, com exemplos de coloquialismo;
- (B) informal, com inserções de gíria;
- (C) regional, com traços de formalidade;
- (D) popular, com falhas gramaticais;
- (E) culta, com marcas de erudição

Comentário: por ter sido publicado em um jornal, a linguagem é formal, mas, para aproximar o leitor do texto, o autor usou de coloquialismos (termos informais usados principalmente na fala), como o “batidos” no seguinte trecho: “Entre os chavões mais batidos vem sempre a reforma tributária”. Outro exemplo de coloquialismo no texto é “chato mesmo”.

GABARITO: A

Questão 6

Entrevista de Carlos Heitor Cony

“Hoje, se os Mamonas Assassinas [banda de pop-rock que estourou em 1995, morta em um acidente de avião 1 ano depois] escreverem um livro sobre a teoria do quanta, não vai faltar editor e não vai faltar leitor. (...) A indústria do livro era muito elitista naquela época, havia um certo elitismo. O livro era considerado um objeto, quase um totem, uma coisa sagrada. Acho o fenômeno do Paulo Coelho muito útil. É um homem que vende milhões de exemplares, faz o editor ganhar dinheiro, e esse editor pode investir em outras coisas.”

(Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura).

O trecho da entrevista de Carlos Heitor Cony que exemplifica linguagem coloquial é:

- A. “banda de pop-rock que estourou em 1995”.
- B. “escreverem um livro sobre a teoria do quanta”.
- C. “A indústria do livro era muito elitista naquela época”.
- D. “O livro era considerado um objeto”.
- E. “Acho o fenômeno do Paulo Coelho muito útil”.

Comentário: o termo “estourou” foi usado em sentido figurado, ou seja, não houve um estouro de verdade, houve um grande sucesso repentino da banca, assim como um estouro (acontece inesperadamente). Isso caracteriza linguagem coloquial, o que não foi possível encontrar nas demais alternativas.

GABARITO: A



Questão 7

Assinale a alternativa que contém exemplo de incoerência vocabular decorrente de uma escolha inadequada para a língua-padrão.

- A. Os aviões da esquadrilha da fumaça fizeram um lindo show de acrobacias.
- B. A população anda um pouco cética quanto aos atuais partidos políticos.
- C. Gostaria que esta minha proposta pudesse suscitar o diálogo com nossos leitores.
- D. Há muito tempo não víamos uma frota de manifestantes na porta de nossa escola.
- E. Queremos que nossa marca seja referência e por isso não fazemos promoções, mas ações perenes.

Comentário: o uso inadequado de vocábulos pode invalidar o sentido de uma frase. Foi o que aconteceu na alternativa D, pois “frota” é substantivo coletivo de navios ou quaisquer veículos, não de pessoas (manifestantes). Vale ressaltar que, na alternativa B, o uso do verbo “andar” como de ligação (indica um estado em que as pessoas se encontram: céticas) está adequado.

GABARITO: B

Questão 8

O estilo coloquial, assumido pelo autor do texto, está melhor evidenciado em:

- A. Cérebros maiores e mais complexos são custosos do ponto de vista energético (l. 3)
- B. Na forma de amido, presentes em tubérculos como nossa boa e velha batata (l. 10)
- C. O órgão consome cerca de 25% de nossas fontes diárias de energia e 60% da glicose (l. 12-13)
- D. A existência de seis genes relacionados à digestão do carboidrato é outro indício (l. 16-17)
- E. Isso tudo possibilitou energia extra para o desenvolvimento fetal, para a lactação (l. 22-23)

Comentário: na alternativa B, ao se referir à batata como “boa e velha”, o autor usou linguagem figurada para conotar que a batata é já faz parte da nossa alimentação há muito tempo. Esse uso da linguagem empresta coloquialidade ao texto.

GABARITO: B



Questão 9



A fala do primeiro personagem mostra o emprego de uma variação popular da língua portuguesa falada, o que é demonstrado

- (A) pela utilização de vocábulos raros como “baita”.
- (B) pelo emprego do vocativo “cara”.
- (C) pela falta de pontuação.
- (D) pela omissão de palavras como em “das duas uma”.
- (E) pela referência a realidades populares como “mega-sena”.

Comentário: a variação popular a que o enunciado se refere é a coloquial, linguagem utilizada pelos falantes da língua no cotidiano. A palavra “baita” significa grande, enorme e também é utilizada na linguagem formal. Já a palavra “cara” é uma gíria característica do linguajar popular. Vale ressaltar que a falta de pontuação da escrita não é uma característica da linguagem popular na fala, também não são a omissão de termos e a referência a realidades populares.

GABARITO: B

Questão 10

TEXTO 2 - Estamos no trânsito de São Paulo, ano 2030. E não é preciso apertar os cintos: nosso carro agora trafega sozinho pelas ruas, salvo de acidentes, graças a um sistema que o mantém em sincronia com os demais veículos lá fora. O volante, item de uso opcional, inclina-se de um lado para outro como se fosse manuseado por um fantasma. Mas ninguém liga pra ele - até porque o carro do futuro está cheio de novidades bem mais legais. Em vez dos tradicionais quatro assentos, o que temos agora é uma verdadeira sala de estar, com poltronas reclináveis, mesa no centro e telas de LED. As velhas carrocerias de aço foram substituídas por redomas translúcidas, com visibilidade total para o ambiente externo. Se você preferir, é possível torná-la opaca e transformar o carro em um ambiente privado, quase como um quarto ambulante. Como o sistema de navegação é autônomo, basta informar ao computador aonde você quer ir e ele faz o



resto. Resta passar o tempo da forma que lhe der na telha: lendo, trabalhando, assistindo ao seu seriado preferido ou até dormindo. A viagem é agradável e silenciosa.

(*Superinteressante*, novembro de 2014).

O segmento do texto 2 que mostra variação culta de linguagem, sem traços de informalidade ou oralidade é:

- a) "mantém em sincronia com os demais veículos lá fora";
- b) "o que temos agora é uma verdadeira sala de estar";
- c) "Mas ninguém liga pra ele";
- d) "está cheio de novidades bem mais legais";
- e) "assistindo ao seu seriado preferido".

Comentário: vamos procurar a alternativa que não apresenta marcas de formalidade nem de oralidade (expressões da linguagem oral).

- a) "mantém em sincronia com os demais veículos lá fora" - ERRADA. "lá fora" (oralidade).
- b) "o que temos agora é uma verdadeira sala de estar" - ERRADA. "sala de estar" (metáfora/informalidade/linguagem conotativa/hipérbole = exagero).
- c) "Mas ninguém liga pra ele" – ERRADA. "Pra" (informalidade/oralidade).
- d) "está cheio de novidades bem mais legais" – ERRADA. "legais" (informalidade).
- e) "assistindo ao seu seriado preferido". CORRETA. Uso perfeito da regência do verbo "assistir" no sentido de "ver", assistir a alguma coisa.

GABARITO: E



13 - GABARITO

Nº	Assunto	Gabarito
1	Variação Linguística	E
2	Variação Linguística	E
3	Variação Linguística	A
4	Variação Linguística	B
5	Variação Linguística	A
6	Variação Linguística	A
7	Variação Linguística	B
8	Variação Linguística	B
9	Variação Linguística	B
10	Variação Linguística	E



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.